



ELEFANTEBU

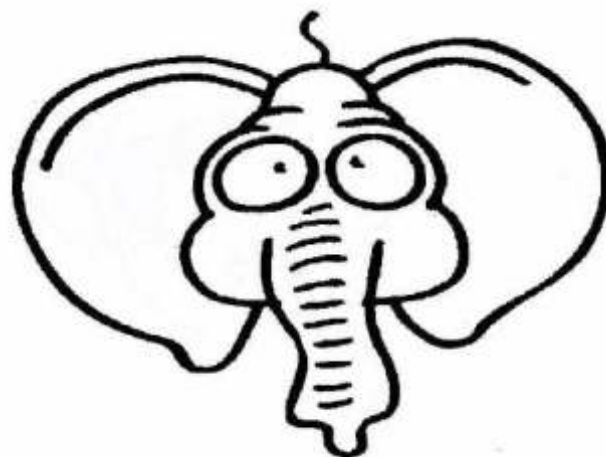
CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO N°15, AGOSTO DE 2006 - ANO 4

NO CALOR DE FORTALEZA

George Belasco & o Cão Andaluz
é uma das bandas que figuram
a diversificada cena de Fortaleza

As eleições chegaram e a época da amolação do horário eleitoral também. Tudo bem que há aquela parte risível quando os candidatos a deputados procuram vender o seu peixe em poucos segundos. Muitas vezes da forma mais ridícula. É onde nós vemos o quando a maioria dos candidatos é lamentável, assim como é lastimável a obrigatoriedade do voto que permite que pessoas escolham alguém em troca de um boné.

Por mim, seria reduzido pela metade o número de deputados federais (menos gente para roubar e mamar no dinheiro público) e a câmara distrital seria extinta (lembrando que este zine é brasiliense). Se há uma campanha política que faço com mais força do que o movimento "eu odeio o Lula" é essa:



ELEFANTE BU N° 15

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

CAPA:

Manipulação feita por Djenane Arraes, com uma foto de divulgação da banda George Belasco & O Cão Andaluz e um desenho de Daniela Casarotto.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Gizza Machado, Washington Ribeiro, Max Bernardo, Rita Maria, Georgiana Calimeris.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Esta edição foi feita na base de muita música instrumental. Em especial trilhas de cinema e de televisão. A músiquinha da pantera Cor-de-Rosa foi hit. A da Armação Ilimitada também. Das canções, destaque para Johnny Cash e o Prot(o) também.

APOIO:



Eu nem digo mais para votar consciente porque isso soa meio ridículo quando não temos boas opções. Agora digo: vote estrategicamente ou vote nulo!

Obs.: o que está escrito na placa menor? "Coco gelado aqui"

CAPA FORTALEZA ALÉM DO FORRÓ

George Belasco & O Cão Andaluz
Plastique Noir
Fossil
Telerama
Café Colômbia
Monophone
O quarto das Cinzas
Macula

DISCOS

Julieta Venegas
Nouvelle Vague
Clap your hands andsay yeah
Volver
Marcelo Mendes

FILMES

Boa noite boa sorte
Superman - o retorno

MUNDO GEEK

Serenity
Charmed
Enciclopédia Marvel

ESPAÇO PORÃO WEB

O GUIA

Georgiana Calimeris
Gizza Machado
Rita Maria

UMA OUTRA FORTALEZA

Para alguém que mora em regiões do país que não o Nordeste, qual a primeira coisa que vem à cabeça quando o assunto é a cidade de Fortaleza? Praia! Praias lindas com coqueiros onde você pode tomar uma cerveja bem gelada e um banho quentinho de mar. E depois vêm as jangadas, humoristas, forró, farinha e pratos típicos que são estranhos a muitos paladares. Só que essas coisas dizem respeito apenas de parte do que é a cidade. A outra, a mais urbana e cosmopolita, é desconhecida e por vezes ignorada pelo resto do país. Fortaleza é uma metrópole onde habitam cerca de dois milhões de pessoas espremidas numa área de 313,8 Km². São quase sete mil habitantes por quilômetro quadrado! Apenas uma pequena comparação: o Distrito Federal tem pouco mais de dois milhões de habitantes, mas espalhados numa área de 5.789,16 Km², o que dá uma média de 354,3 hab./km². Fortaleza tem comércio forte, indústria têxtil e de turismo, festival de cinema famoso, um festival de música que faz parte do calendário dos grandes eventos do país, e até mesmo gente que faz rock da melhor qualidade.



Até a redação desta matéria, haviam 99 bandas de rock registradas pelo estado do Ceará no site da Trama Virtual, sendo que 14 tinham o “selinho” de destaque. As identificadas como pop eram apenas seis e 11 de música eletrônica. Tudo isso contra apenas 38 bandas/artistas registrados nas categorias “Brasil” e “outros”. É claro que o site por si só não revela toda a gama cultural que existe na cidade, mas hoje ele serve como um bom parâmetro, uma vez que se tornou um dos maiores pólos de divulgação de artistas independentes do país. O que a Trama Virtual revela é que no Ceará, e por consequência Fortaleza, há um movimento de novos valores, e eles são interessantes. “Aqui a cena é bem diversificada, talvez seja uma das principais características, o que poderia rolar tranquilamente um ‘Lollapalooza Nordeste’”, disse Max Bernardo, tecladista da banda Plastique Noir.

Uma pena que no dito “sul maravilha”, essa diversidade é pouco conhecida. Há várias razões para tal. Uma delas é que os músicos esbarram na pouca visibilidade. Como acontece na Bahia onde a galera do rock trava uma luta quase desleal contra a axé music, os de Fortaleza precisam suar muito para fisgar um pouco do espaço do forró. A diferença é que a Bahia têm ícones nacionais no rock (Raul Seixas, Camisa de Vênus, Pitty), e isso ajuda como referência. No Ceará isso não ocorre. Além disso, eles ainda enfrentam problemas comuns do circuito independente das grandes cidades, como falta de espaços, de divulgação e até da falta de interesse de parte do público. “Esbarramos no preconceito, no ‘senso comum’ de que as bandas, primeiro, têm que fazer ‘sucesso’ fora de Fortaleza para então poder ser apreciado aqui. Felizmente esse pensamento vem mudando e aos poucos as bandas vêm batalhando por melhores ‘tratamentos’. Pois isso também reflete na qualidade das próprias e no som que elas oferecem”, disse George Frizzo (Fossil). E mesmo quando alguém se destaca além das fronteiras do Nordeste, muito se deve ao “fator exótico”, como apontou George Belasco (Cão Andaluz). “E se eu não quiser ser conhecido como uma banda exótica de rock vinda do Acre ou de Belém do Pará, e sim pela qualidade das



Banda Fossil

minhas canções ou pelo show bombástico que eu faço, que farei?”.

Igor e Alinne (Telarama) apontaram ainda que os shows são poucos e espaçados. “Pelo fato de fazer um show por mês, a gente já ouviu até que anda tocando demais (risos)”, disseram, “Mas não podemos reclamar: aqui em Fortaleza, a gente sempre conta com pessoas que fazem um grande trabalho pelas bandas, como Dado Pinheiro, do Noise3d Club, e o locutor e produtor musical Zivaldo Felício. O primeiro sempre abre as portas do clube para novas bandas, shows de lançamento de CDs e de clipes e outros eventos que fortalecem a cena. O segundo sempre deu espaço para a produção local em seu antigo programa de rádio e continua ajudando as bandas produzindo eventos de todos os tipos e garimpando novos nomes”.

A Cena

George Fizzo descreveu a cena de Fortaleza como iniciante e que todos ainda precisam aprender muito sobre mercado musical, circuito de shows e tudo mais que faz parte da divulgação. “Mas vejo com bons olhos um crescimento saudável. Onde surgem bandas que tem boa vontade e interesse em trabalhar, mesmo com as dificuldades locais, mostrando a diversidade que o rock pode dar”. Já os integrantes Igor e Alinne apontam que as coisas ainda estão paradas e há excesso de reciclagem. Alegam que há anos os mesmos grupos formam e extinguem bandas, o que dá a impressão que algo novo acontece sem estar de fato. Para George Belasco não existe uma cena em Fortaleza, não por desmerecimento das bandas ou jornalistas, mas porque simplesmente é avesso a idéia de cena. “No meu entendimento só existe cena quando isso é de interesse da mídia, pra facilitar o entendimento de quem está, digamos assim, de fora. Sendo assim você acaba tende a homogeneizar os trabalhos individuais e cria-se bizarrices como ‘cena emo’ ou ‘cena mod’”.

Mesmo com todos os obstáculos, o que o pessoal de Fortaleza deseja é o mesmo que em todos os locais: a chance de mostrar o trabalho.



George Belasco e o Cão Andaluz

BANDAS DE FORTALEZA QUE VALE (E MUITO) CONHECER



De maneira geral, as bandas de Fortaleza que o zine Elefante Bu destacou surpreendem pela qualidade da música. Elas são "preto no branco" pois quando o assunto é rock, é rock mesmo. Punk é punk. Experimental é experimental. Pegou a idéia? As misturas com elementos regionais não são tão fortes e decisivos.

Começa pelo trio *George Belasco & O Cão Andaluz*, formado pelo próprio George (voz/guitarra), Lucas Jereissati (baixo) e Patrício Rocha (bateria). O nome é uma referência ao cineasta espanhol Luiz Buñuel, um mestre do surrealismo que adorava fazer críticas à igreja e aos valores da sociedade moderna. Uma das influências é o escritor estadunidense Charles Bukowski, conhecido pelas obras obscenas e debochadas sobre porres, prostitutas e assuntos afins. O Cão Andaluz procura captar essa atmosfera nos vocais gritados de George que fazem um

contraponto a parte instrumental inspirada e bem executada. As músicas têm nomes sugestivos como na excelente *Sete Palmas*, *Insônia* e *Sangrem o carrasco*. Flerta com a surf music na instrumental *Ataque as tropas inimigas*. Até o momento a grande música de George Belasco & O Cão Andaluz é *Mundo Negativo*, cuja letra é quase recitada. "É preciso acompanhar o movimento (...) Nada permanece igual".

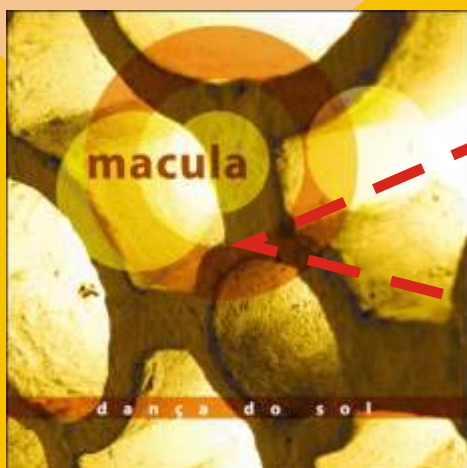
Antes de continuar com as demais, é preciso fazer uma pequena observação para a *Belasco*, a banda de George que antecedeu o Cão Andaluz. O som era guitar rock muito bem executado e em inglês. Ao ouvir uma música como *Oh My!*, você se pergunta como não conheceu a Belasco antes. Eles colocavam muita gente no chinelo!

Num sentido quase oposto ao de George Belasco se encontra a *Macula*. O também trio formado por Fábio Dória, Herveson Francisco e Antônio Arruda segue linha alternativa que flerta com o jazz e o samba. O vocal é mais sussurrado e vacilante, a atmosfera é mais densa e azul. Quem conhece a carioca Latuya vai encontrar semelhanças, sobretudo quando escutar *Apoteose*. Esta, aliás, é a música a se conhecer da Macula. Os integrantes dizem ter ambição de conquistar o espaço no mercado nacional seguindo o modelo de gente como Autoramas e Cidadão Instigado. Tem qualidade pra isso.

Falando em Cidadão Instigado, a banda hoje é referência de muita gente por aí. Pode ser no estilo ou na forma como se faz as coisas **diante** do mercado. No caso do sexteto *Monophone*, a influência veio **em forma da produção** musical realizada por Regis Damasceno. O som, **no entanto**, está mais para Violetas de Outono do que para Cidadão Instigado. É uma banda que preza mais pela

melodia, por um vocal bem feito de André Fernandes, por letras que falam de **dizimas periódicas** (será que os integrantes da Monophone conversam com o pessoal da Noitibó?). De fato é um bom trabalho, mas de tons melancólicos.

Diferente do que acontece com a *Café Colômbia*. As referências parecem ser as mesmas (rock inglês, bandas *indies* americanas), porém a Café Colômbia tem o som mais encorpado e vibrante. O vocalista Felipe Lima aproveita bem a extensão de sua voz, o que dá ainda mais consistência às canções e aos arranjos. É só escutar *Automotiva*, uma música que gruda e dá vontade de repetir inúmeras vezes. A Café Colômbia é formada ainda por Camila Matos (guitarra), João Luis (bateria) e Johw (baixo).

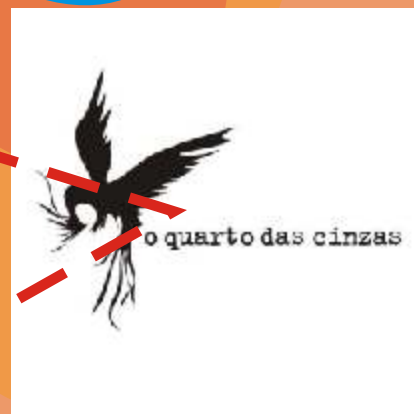




Quer um pouco mais de barulho e uma veia pop? *Telerama!* A sonoridade da banda é uma delícia. Entre todos os trabalhos aqui citados, é o mais acessível e com maior potencial comercial. A história do quinteto Alinne, Rafael, Igor, Denis e Ciro começou por causa do Ronnie Von (só isso já vale uma audição). Diz a história que eles se reuniram às pressas para prestar, no ano passado, um tributo ao cantor de muitas fases a ser lançado na internet. O resultado ficou bom, a química funcionou e eis que os integrantes decidiram seguir adiante. A julgar pelo trabalho da demo *Na Contramão da Cidade*, a banda é promissora. Ouça a música *O Plano*, por exemplo, que tem balanço, peso, tudo na medida certa. A *Telerama*, no entanto precisa aplicar mais energia e força nos vocais. Alinne canta afinada e baixinho como Nara Leão...

mas o que eles fazem não é bossa-nova. Muitas vezes o instrumental (que é muito bom) engole a voz. Fica aí a dica.

Por enquanto, todos os citados transitavam no terreno dos anos 90 e no novo século. A *Plastique Noir* fez diferente e propôs uma volta aos anos 80 pós punk, mais precisamente ao espírito gótico. As canções são em inglês e falam de morbidez, loucura, e melancolia. Destaque para *Silent Shout*, que é um retrato fiel dessa atmosfera. O bacana é que o site, a arte gráfica e o visual dos integrantes são todos voltados para a cultura gótica,



o que enriquece e valoriza ainda mais a proposta. Outra coisa legal é a bateria eletrônica. Nesse caso, ela reforça ainda mais a sonoridade oitentista. Faz parte da *Plastique Noir* Max Bernardo (teclado), Márcio (guitarra), Danyel (baixo) e Airton S (vocal). O que há em comum entre todas as bandas até então mencionadas é que todas fazem, a sua maneira, música com tempo adequado para tocar em rádio. Não é o caso da *Fossil* de Vitor Colares (guitarra), Eric Barbosa (guitarra), George Frizzo (baixo) e Vitor Bluhm (bateria). O quarteto disponibilizou três músicas no site da Trama Virtual. O detalhe é que uma tem dez minutos e as outras estão divididas em duas partes. Rock progressivo? Não, isso aí é outra coisa. O que a *Fossil* faz é rock instrumental que é uma beleza de se ouvir. Em especial se você estiver em frente ao computador no trabalho. O chefe torra a paciência e você nem se irrita!

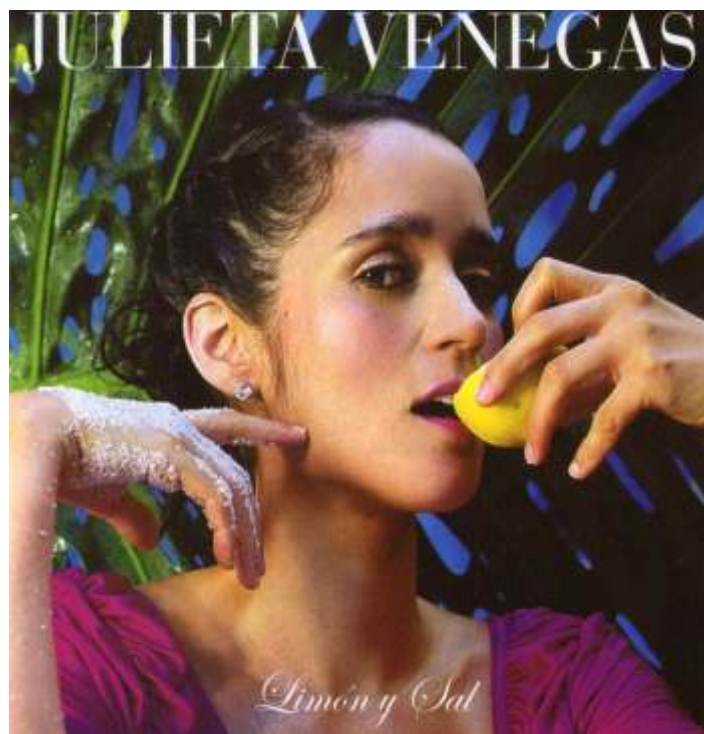
Outra que funciona muito bem assim é a *Quarto das Cinzas*, mas ela transita em outra área musical. Aqui o patamar não é rock, e sim música eletrônica bem feita com um monte de misturas. Tem também uma menina cuja voz é uma pluma. Escute *Caminhando com a Bondade* nas horas de mais stress. Além de relaxar, ainda dá para dar uma meditada. É bom pra caramba!



JULIETA VENEGAS - *Limón y Sal*

Como é bom você escutar um novo trabalho de uma cantora popular e constatar que seu trabalho continua do mais alto nível. Essa é uma descrição exata da mexicana Julieta Venegas em seu recente lançamento *Limón y Sal*. A cantora e compositora foi bastante econômica quando se trata de experimentações sonoras se comparado com os três discos anteriores, mas quem precisa de tantos barulhinhos quando também se pode ser grande na simplicidade? *Limón y Sal* é para se tocar por inteiro no violão. E vou confidenciar: como é delicioso de se escutar! Daria para furar um vinil.

Neste quarto disco, Julieta Venegas não precisa mais de afirmações sobre o seu talento, sua capacidade, seu bom gosto. Isso já está mais que comprovado. Talvez por isso mesmo ela tenha se permitido trazer para si o que era mais pop no seu sentido mais fácil. As letras e as melodias grudam de modo que até um tango *light* como *De que mi sirve* se transforma em uma verdade. Julieta por vezes é chorosa e introspectiva, como em *La última vez*, e por vezes coloca alegria numa canção de letra que revela algum pessimismo. “Estoy tan cansada de las canciones de amor/ Siempre hablan de un final feliz/ bien sabemos que la vida nunca funciona así”, diz a faixa de abertura e música chiclete *Canciones de Amor*. Se você entende essa colocação, então o resto de *Limón y Sal* é moleza. Ele mostra que Julieta não quer se perder em tantas fantasias. Ela quer a realidade, quer ser ela mesma e, por favor, nada de melodramas. “No seré una mujer perfecta de las que volteas al ver pasar/ no seré alta y maravillosa pero sé lo que puedo hacer”, diz no início de *No Seré*. E se ela quer ser aceita como é, também faz o mesmo com o outro, como diz na faixa título “Yo te quiero com

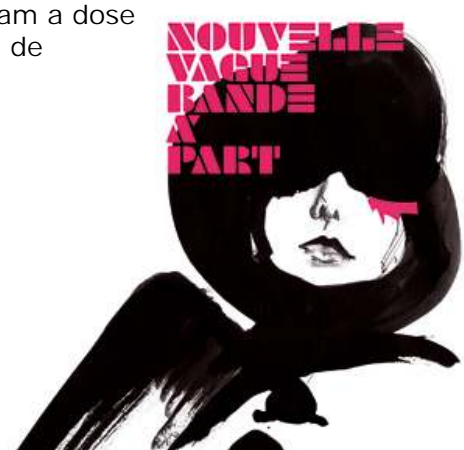


limón y sal/ yo te quiero tal y como estás/ no hace falta cambiarte nada”.

Limón y Sal, de fato, é um título que descreve muito bem o conteúdo. Ácido, aumenta a pressão, tem o gosto da vida. Também é um belo exemplo de como se pode ser popular sem cair em clichês, modismos irritantes e sem se descuidar da produção. Prova são os seguidos discos de ouro e platina que o quase perfeito este quarto trabalho de Julieta já arrematou na Europa e na América que fala espanhol. Ganha ela e ganhamos nós.

NOUVELLE VAGUE - *Bande a part*

O músico francês Marc Collin vislumbrou um projeto onde canções clássicas do punk e pós-punk recebem versões diferentes, inspiradas em ritmos sul-americanos e do caribe, em especial da bossa-nova. Ele chamou outro músico, Olivier Libaux, para tocar o projeto para frente e mais alguns cantores para acompanhá-lo. Surgiu o *Nouvelle Vague*. O nome é uma homenagem ao movimento do cinema francês da década de 50. O lançamento do projeto foi em 2004 e o disco homônimo rendeu 200 mil cópias ao redor do mundo. Agora a dupla de músicos e cantores repetiram a dose com o novo disco *Bande a Part*. Nesse segundo trabalho há releituras de Blondie, The Cramps, New Order, Bauhaus entre outros. De longe, as minhas versões favoritas foram as de *Dancing with myself*, de Billy Idol, *Ever fallen in love*, de Buzzcocks, e *Let me go*, de Heaven 17. Essa última é bossa nova purinha e eu não sei como o Manoel Carlos não a colocou em sua novela. Também é preciso destacar as vozes presentes nesse projeto, em especial de Gerald Toto (único homem e canta em duas faixas) e de Phoebe Killdeer (a única que não canta sussurrando, está em quatro das 14 faixas). O que é interessante na *Nouvelle Vague* (e é mérito dos músicos franceses) é transformar músicas que, clássicas ou não, são datadas. As novas versões com espírito latino não apenas trouxeram sofisticação e universalidade, como também deixaram as canções atemporais. Vale conferir!

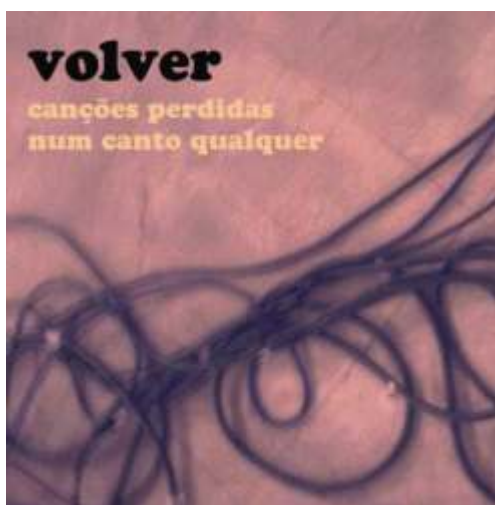


CLAP YOUR HANDS AND SAY YEAH



Você nem precisa ser um ouvinte muito atento. Ao escutar *Clap your hands and say yeah* vai logo perceber que parece mais uma das dezenas bandas de indie rock de Nova York. Só que essa tem o mérito de ter um nome legal e engraçado. Mas o pior é quando, ao buscar informações, você descobre que realmente se trata de uma banda indie rock de Nova York! Ao que parece, as pessoas de lá não são muito fãs de pesquisa de novas sonoridades. Vieram os Strokes e depois mais um monte em seus calcanhares fazendo exatamente a mesma coisa, como sempre acontece. Isso leva a um outro ponto: o *Clap your hands and say yeah* é uma boa imitação? É! O vocalista Alec Ounsworth é um desafinado legal, o som é gostosinho, as músicas são interessantes. Dá para tocar no seu radinho sem problema algum. *Heavy Metal* é a música famosa, e ainda há *Is this love?* e *Upon this Tidal Wave of Young Blood* nas rádios. Também ouça *Blue turning grey*. É a mais diferente entre as 12 faixas... mas pudera... é instrumental!

VOLVER - *Canções perdidas num canto qualquer*



Sabe quanto você assiste a um show e acha bacana, mas quando vai escutar o disco morre de raiva porque é ruim por uma razão qualquer e vice-versa? Pois a Volver não vai morrer desse mal! Conheci a banda num show, mas ela só fixou mesmo na lista particular dos mais executados após as primeiras audições de *Canções perdidas num canto qualquer*. O álbum foi lançado pela brasiliense Senhor F Discos e é mais um exemplo de que não se pode julgar nada pela capa. O trabalho gráfico é horrível, mas a produção e as canções são ótimas e merecem muitos louros. A começar pela segunda faixa, *Canção Perdida*, que é empolgante e tem aquela inusitada fórmula onde dois personagens conversam. Ela diz: "o que vou fazer sem ter você aqui". E ele responde: "minha querida, faça do jeito que der". Outra bacana é *Lucy*, aliás, não sei por que, mas canções com nomes de mulheres quase sempre são boas. A Volver flerta com a jovem guarda e com Frank Jorge. Se você gosta do estilo, *Canções perdidas...* não pode faltar na sua coleção.

MARCELO MENDES E OS BACANAS - 30



Marcelo Mendes e os Bacanas é um projeto de quem chega na casa dos 30, já não tem mais ilusões ou grandes ambições na área artística, e agora só está afim de fazer o que der na telha. É nessa tranquilidade que o compositor Marcelo Mendes apresenta três ótimas canções no "single" *30*, lançado na Senhor F Virtual. Começa com a ótima, porém deprê, *27 anos de uma vida besta*. "27 anos/ mais de dez fazendo planos/ 17 vendo TV... mas tudo bem/ porque no ano que vem serão 28 e nada vai mudar". As duas seguintes, *Por uma canção menor* e *Réquiem para um videomaker e tatu*, já escancaram a influência de Frank Jorge e Erasmo Carlos. Marcelo Mendes não é um bom vocalista (desculpe amigo, mas é verdade). Ele canta certinho, mas parece que alguma coisa não se encaixa. Mas como compositor, ele é uma revelação de primeira categoria e com toda a condição de evoluir muito mais. *30* foi mixado por Marcelo Birck (ex-Graforrêia Xilarmônica).

BOA NOITE E BOA SORTE

Georgiana Calimeris

Em uma narrativa em tom de documentário, o filme *Boa Noite e Boa Sorte* fala da trajetória de Ed Murrows ao confrontar e questionar os métodos do Senador Joseph MacCarthy, que em 1953, perseguia tudo e a todos que pudessem vir a ter algum contato com o comunismo e com a política de esquerda.

O filme não só documenta um importante período histórico para os Estados Unidos e para a mídia como também narra o dia-a-dia de uma redação de jornal com seus altos, baixos e preços pagos pelos jornalistas para desenvolver um real e bom trabalho. Clooney consegue dar uma aula de jornalismo impressionante com este filme em todas as nuances sem romantizar nem polemizar o que um jornalista real deve fazer e como cumprir seu dever de reportar sempre a verdade.

A bela fotografia junto a trilha sonora traz um

tom nostálgico. No entanto, é apenas uma leve sensação, pois, dentro do filme, percebe-se a clara crítica sobre a mídia massificada e como é fácil se sentir acuado diante da artilharia de alguém com poder. Ed Murrows foi um dos homens que ousou enfrentar a pesada artilharia de MacCarthy e teve a sorte de ter outros homens ao seu lado, que puderam mostrar que o bom repórter tem que ir a fundo em suas indagações, mesmo que pareça estar lutando contra o mundo.

A voz de Murrows fez com que outros se indignassem com a perseguição descabida de MacCarthy, o que levou o próprio Senador norte-americano a ter um Comitê julgando suas ações desenfreadas. O filme não é um suave desenrolar de fatos fantasiosos bem ao gosto e estilo de Hollywood. Pelo contrário, uma vez que critica os padrões e estruturas de entretenimento da época.

Boa Noite e Boa Sorte começa com o célebre discurso e questionamento de Ed Murrows sobre o futuro da TV. Seus questionamentos ainda são válidos e pertinentes para uma mídia que tenta transpor a mente do telespectador. Sem atingir diretamente qualquer ideário político, Clooney critica a atual fase governista norte-americana com classe e prova que a história se repete inúmeras vezes nas mãos dos poderosos chefes de estado.

Talvez, o título também traga um quê rebelde chique, uma vez que a expressão usada por Ed Murrows foi cunhada durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto reportava os acontecimentos. Ao não saber o que se poderia acontecer entre a noite e a manhã, sempre se desejava boa noite e boa sorte aos membros da comunidade.

Do mesmo medo como o futuro está incerto, o termo serve também como arquétipo para os tempos atuais: Boa Noite e Boa Sorte! Afinal, todos esperamos tempos melhores e esperamos por aqueles que, como Murrows, façam valer nossas vozes contra a opressão e pela liberdade de expressão.



Não pude evitar a desconfiança quando soube que ele estaria de volta. Parte por causa de um certo mau-humor devido ao "abandono" do diretor Bryan Singer em relação a franquia dos X-Men. Que absurdo, na minha cabeça, largar os meus mutantes favoritos para dirigir um cara com cuecas por cima das calças (e esquecendo que o Wolvi também usa cuecas assim). E parte porque achava os filmes originais com Christopher Reeve muito bobos (aquela Lois Lane era tão chata que me traumatizou, e eu fiquei muitos anos odiando a personagem). Nem fiz questão de acompanhar os trailers e *promos* que eram constantemente lançados na televisão e na internet.

Tudo foi esquecido, no entanto, logo nos primeiros segundos de *Superman- O Retorno*. Ao ouvir a música original, um sorriso inevitável surgiu no rosto. Fiquei emocionada por Bryan não só ter mantido o famoso tema de John Williams, como também ter feito a apresentação dos créditos igual ao original. Ele não havia feito um novo filme e sim continuado e homenageado aqueles que marcaram a minha infância. Afinal, quem nunca sonhou em voar com o Super-Homem, ver as luzes da cidade lá do alto e ainda ter o poder de salvar o mundo?

O Super-Homem de Bryan Singer é uma evolução do dirigido por Richard Donner. Clark Kent (Brandon Routh) retorna ao Planeta Terra após alguns anos ausente. Ao chegar a Metrópolis, descobre que não foi apenas o mundo que mudou, como também as pessoas mais importantes de sua vida. Lois Lane (Kate Bosworth) tornou-se mãe e era praticamente casada com Richard White (James Marsden), sobrinho de Perry White. Lex Luthor (Kevin Spacey) havia saído da prisão beneficiado pela ausência do testemunho do Homem de Aço no julgamento. Além disso, Lois ganhou o prêmio da imprensa estadunidense pelo artigo típico de mulher desprezada "Porque o mundo não precisa do Superman". E para a completa infelicidade de Kent, a única pessoa no jornal que havia sentido sua falta foi o fotógrafo Jimmy Olsen. Na medida em que o tempo da história passa, as coisas vão retornando aos seus lugares, porém nunca mais ficariam iguais.

O grande mérito de Bryan foi fazer um filme mais romântico do que uma história comum de super-herói. O diretor foi feliz ao preferir abordar o lado trágico e humano do kriptoniano, afinal, Kal-El é um alienígena que ama e vive com intensidade, mas é condenado a viver escondido atrás dos óculos do tímido Clark Kent. É louco para que seu disfarce humano possa ser notado por uma inquieta e obcecada Lois Lane, sempre ocupada demais com suas investigações e verdades. Oras, assim como disse Lois disse, todos são apaixonados pelo Super-Homem. Por isso ele gostaria tanto de ser amado como Kent. E Bryan foi ainda além ao elevar o herói a um nível jamais explorado nos quadrinhos, seriados ou filmes. O resultado final foi magnífico e uma agonia para que a continuação possa ser acertada entre produtores e estúdio o quanto antes.

Brandon Routh surpreendeu ao captar exatamente o espírito trágico, porém não melodramático, de Kent. Kate Bosworth encarnou numa Lois Lane quase perfeita, o que é um mérito e tanto levando em consideração que a personagem é complicada e nenhuma atriz havia, até então, conseguido encarna-la com convicção. Devo dizer que o Lex Luthor do seriado *Smallville* é muito melhor que o Lex de Kevin Spacey. O do filme é canastrão demais, megalomaniaco demais. Só passável porque o Lex de Richard Donner, interpretado por Gene Hackman, ia pela mesma linha.

Foi gratificante constar que o filme foi fiel ao que é o mito do Super-Homem. E Bryan ainda teve a sensibilidade de encaixar outras várias homenagens aos quadrinhos e ao primeiro filme. Jor-El, pai biológico de Kent, foi "interpretado" por Marlon Brando, numa recuperação direta ao original. A lendária frase "é um pássaro, é um avião, não é o super-homem", também teve vez. Uma das cenas, onde o herói ergue um carro, é uma referência a capa da revista que o homem de aço foi apresentado ao mundo.

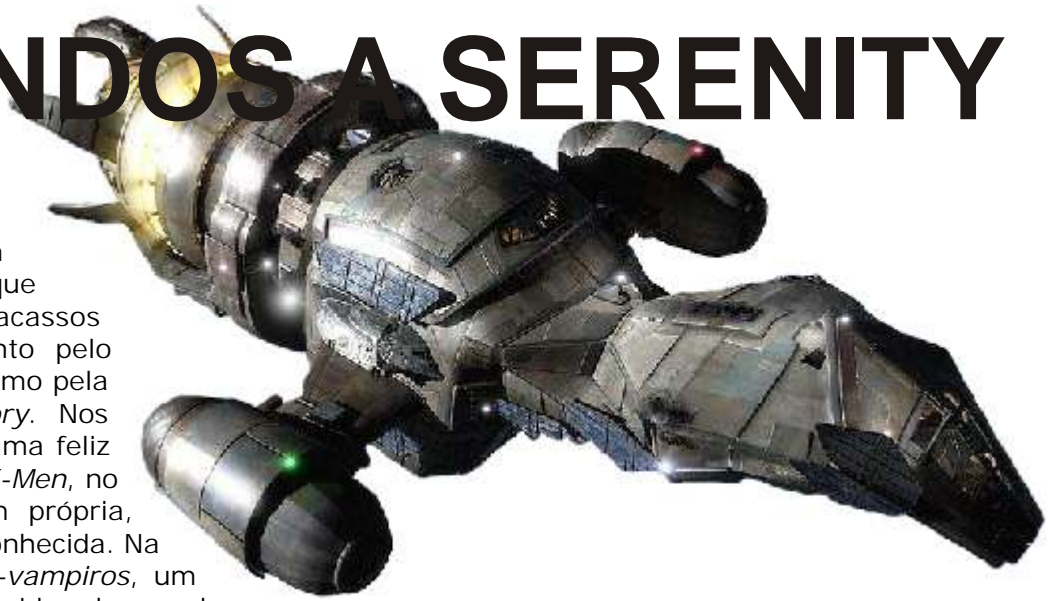
O Super-Homem não precisa ser modernizado. Ninguém precisa mudar o seu uniforme de cueca por cima da calça. Ele é o maior super-herói do mundo pelo que é, e por tudo que já foi mostrado desde suas origens. Vida longa a Kal-El e a Clark Kent.

BEM-VINDOS A SERENITY

Muito se pode falar de Joss Whedon. Ele é um jovem diretor/roteirista de Hollywood que já coleciona sucessos e fracassos curiosos. É o responsável tanto pelo roteiro meia boca de *Alien 4*, como pela cativante história de *Toy Story*. Nos quadrinhos, goza da fama de uma feliz passagem como roteirista dos *X-Men*, no entanto tem uma personagem própria, *Frey*, que é uma completa desconhecida. Na televisão, criou *Buffy - a caça-vampiros*, um seriado de sucesso que foi considerado um dos melhores de todos os tempos pela crítica estadunidense. O fato inusitado é que Buffy teve origem de um filme muito ruim que, infelizmente, frequenta as sessões da tarde da Globo. E não é que Joss também fez quase o oposto de Buffy na TV e no cinema? Ele produziu um seriado fracassado que mais tarde se transformou num filme de relativo sucesso, levando em conta o poder de ação (econômico) que se tinha em mãos.

Falo de *Firefly*, uma produção da Fox que foi aclamada pela crítica, mas que foram produzidos apenas 14 episódios por causa do alto custo e da pouca audiência. Joss ficou inconformado pelo cancelamento precoce de uma história que tinha futuro (e era boa, afinal de contas). Ele correu atrás e conseguiu levar *Firefly* aos cinemas. Surgiu *Serenity a luta pelo amanhã*. O filme chegou a liderar por uma semana a bilheteria estadunidense e, com muita honra, não apenas pagou o seu custo de produção, como também deu um lucro legal. Aqui no Brasil ele foi lançado direto no DVD.

Joss tem particular fascínio por honrados fracassados, mal amados, insanos e garotas que enfrentam seus demônios literalmente no braço. *Firefly/Serenity* fala essencialmente disso. O cenário é uma nave espacial comandada pelo capitão Malcolm (Nathan Fillion). O sujeito em questão foi ex-combatente rebelde que lutou contra a Aliança, o regime totalitário vigente. Quando os rebeldes perderam a guerra, os sobreviventes ficaram "por aí". Logo Malcolm e seu braço direito Zoe (Gina Torres), viram que precisavam sobreviver de algum modo e decidiram organizar uma pequena equipe formada por uma mecânica carente, um piloto boa-praça, um pastor, uma cortesã, um mercenário, um médico fugitivo da Aliança e sua misteriosa irmã caçula. Juntos, eles faziam qualquer serviço e encaravam qualquer perigo, desde que o pagamento fosse bom. Essa é a maior graça do seriado. Nada de alienígenas, nada de lutas de espadas travadas por nobres jedis. O que vale aqui é uma boa história a ser contada por personagens que estão na periferia do universo e vivem sem nenhum glamour, mas que são legais.



Não há muito o que falar da parte técnica. Os efeitos especiais são bem feitos (e a nave voa em silêncio no espaço, afinal, o som não se propaga no vácuo) e os atores fizeram o trabalho sem maiores problemas.

O filme, até pela natureza da produção, já traz uma causa nobre a ser desbravada pelos personagens e esclarece algumas questões que o seriado não conseguiu resolver pela falta de oportunidade. Diz por que o médico e sua irmã são fugitivos. Na verdade, a menina é uma prodígio sensitiva que foi levada pelo governo da Aliança e transformada em uma arma. O irmão gastou toda a fortuna da família e descartou uma brilhante carreira de médico na Aliança só para resgatá-la. Os dois terminaram comprando uma "passagem" na nave *Serenity* para se esconder. O problema é que enquanto estava no cativeiro, a menina "absorveu" um segredo que o governo pretendia manter enterrado. Desde então, toda a tripulação da *Serenity*, que já estava com os rostos figurados nas listas dos mais procurados, ficaram ainda mais visados.

É um filme cativante feito por um cara apaixonado pelo que faz. Quando as coisas estão nesses termos, um trabalho assim é sempre imperdível!



Tripulação da nave Serenity

O FIM DO PODER DOS TRÊS PÊS

Mês passado foi ao ar no Brasil o último episódio da série *Charmed*, pelo canal Sony. Ela se despediu com ares de programa cult e vai entrar para a história naquela categoria de programas que são tão ruins, mas tão ruins, que acabam sendo bons. Produzido por Aaron Spelling, conhecido por criar séries trash e dramalhões baratos e populares, como *Barrados no Baile*, *Charmed* durou inacreditáveis oito temporadas, 178 episódios, e sobreviveu a muitas tormentas por causa de brigas das atrizes principais. De fato, as histórias dos bastidores eram mais interessantes do que a mitologia da série em si (se é que ali existia alguma).

Charmed contou a história das irmãs Prue, Piper e Phoebe Halliwell (interpretadas respectivamente pela mala sem alça mor de Hollywood Shannen Doherty, Holly Marie Combs e Alyssa Milano). Elas eram as encantadas e precisavam usar seus poderes naturais, além de recitar versinhos, para derrotar demônios megalomaniacos e ajudar os inocentes. Prue era telecinética, Piper congelava o tempo e Phoebe era vidente. No fim da terceira temporada, devido as constantes ataques de estrelismo de Shannen Doherty, Prue morreu e as duas irmãs sobreviventes

ganharam outra mais nova, Paige Matthews (Rose McGowan), uma filha que a mãe delas teve em segredo com um anjo (!). A saída de Shannen trouxe paz nos bastidores, mas não foi um bom negócio para a série. Apesar de encrenqueira, a atriz é competente e carismática. A ausência de sua Prue, que era a personagem mais forte da série, aliada a pouca imaginação dos roteiristas, fez com que o

seriado decaísse e se arrastasse por incríveis cinco anos. O produtor Duke Vincent chegou a confessar que *Charmed* perdeu a chance de terminar por cima na terceira temporada com a morte de Prue.

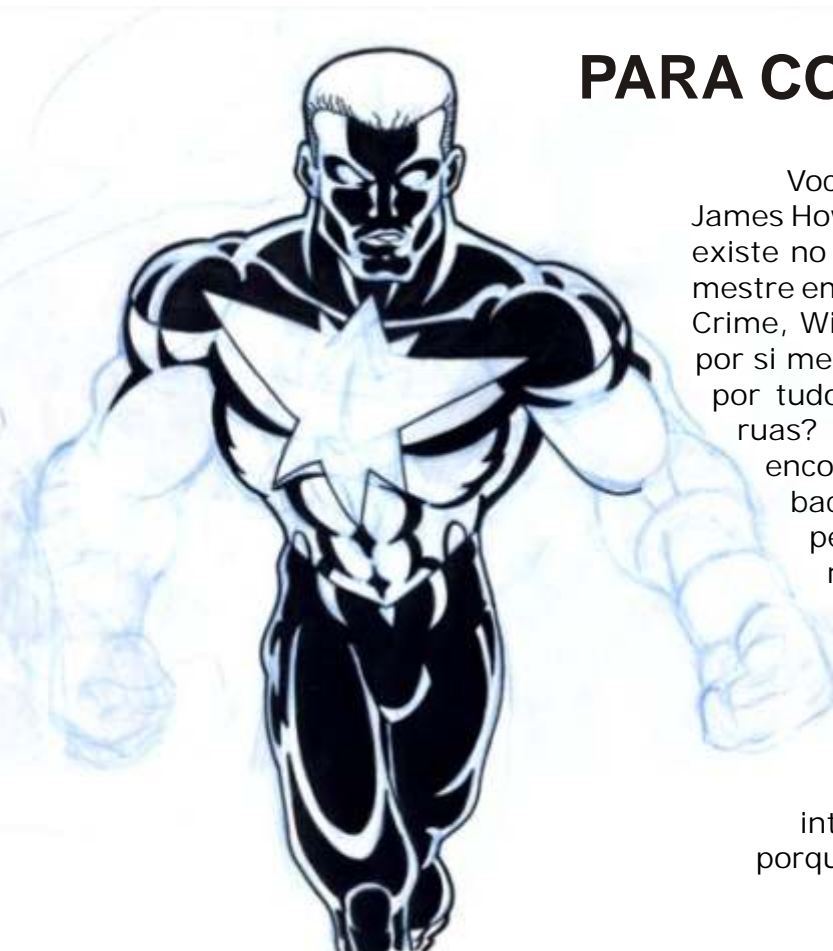
As histórias eram medíocres, os efeitos especiais horríveis. As protagonistas eram medianas, os coadjuvantes pareciam bonecos Ken, e o único ator com algum talento, o adorável canastrão Julian McMahon, tratou de sair na primeira oportunidade de um trabalho melhor.

Apesar de tantos motivos para não ver, uma vez que se tropeçasse com o seriado era quase impossível não assistir um episódio, nem que fosse para rolar de rir. Parecia mesmo um feitiço. *Charmed* agora faz parte do grupo dos adoráveis lixos ao lado de séries como *Xena*, *Jaspion* e *Batman*. Por incrível que pareça, vai deixar saudades!



PARA CONSULTAR E GUARDAR

Você sabia que o nome verdadeiro do Wolverine é James Howlett? E que a única coisa de extraordinária que existe no Justiceiro é a sua técnica de combate por ser mestre em várias artes marciais? Ou mesmo que o Rei do Crime, Wilson Fisk, é tido como “um homem que se fez por si mesmo” devido a sua história de infância pobre e por tudo que precisou aprender para sobreviver nas ruas? Essas são apenas algumas curiosidades encontradas na *Enciclopédia Marvel*, um guia bacaninha onde você encontra o fichário dos personagens relevantes, além de uma biografia resumida. O guia é dividido em “universos”, começando pelos Vingadores e finaliza com os X-Men, o que facilita para o entendimento do leitor não iniciado. É interessante tê-lo como um guia de curiosidades, em especial por causa das biografias. Ao ler as histórias você percebe porque muitos vilões são bem mais interessantes que os mocinhos, e também porque os anti-heróis são tão fascinantes.



É com muito orgulho que, após anos de parceria, inauguro este espaço gentilmente cedido pela Djenane. Sempre tentamos fazer um trabalho para juntar nossas forças numa mesma direção e finalmente esta luz de acendeu!!!

Porão do Rock 2006 em imagens - I

Veja como foi a nona edição do maior festival independente do Brasil pelas lentes de um apaixonado por fotografia



ULTRAJE A RIGOR

Uma das principais atrações do festival, Roger e sua banda fizeram um show impecável, mostrando como o rock, o humor, a irreverência e a crítica social podem estar juntas e com muita competência. Detalhe especial para mania de Roger, sempre mordendo a língua nos solos de guitarra



ROLLIN' CHAMAS

Com um figurino bem ousado a banda tocou com muita atitude. Destaque para o efeito cross utilizado na lente para dar um bilho especial ao registro

TENDA ELETRÔNICA

Fotografar na tenda é sempre um desafio. Pouca luz ou sempre luzes piscando dificultam a captura de uma boa cena. A fumaça ajudou!



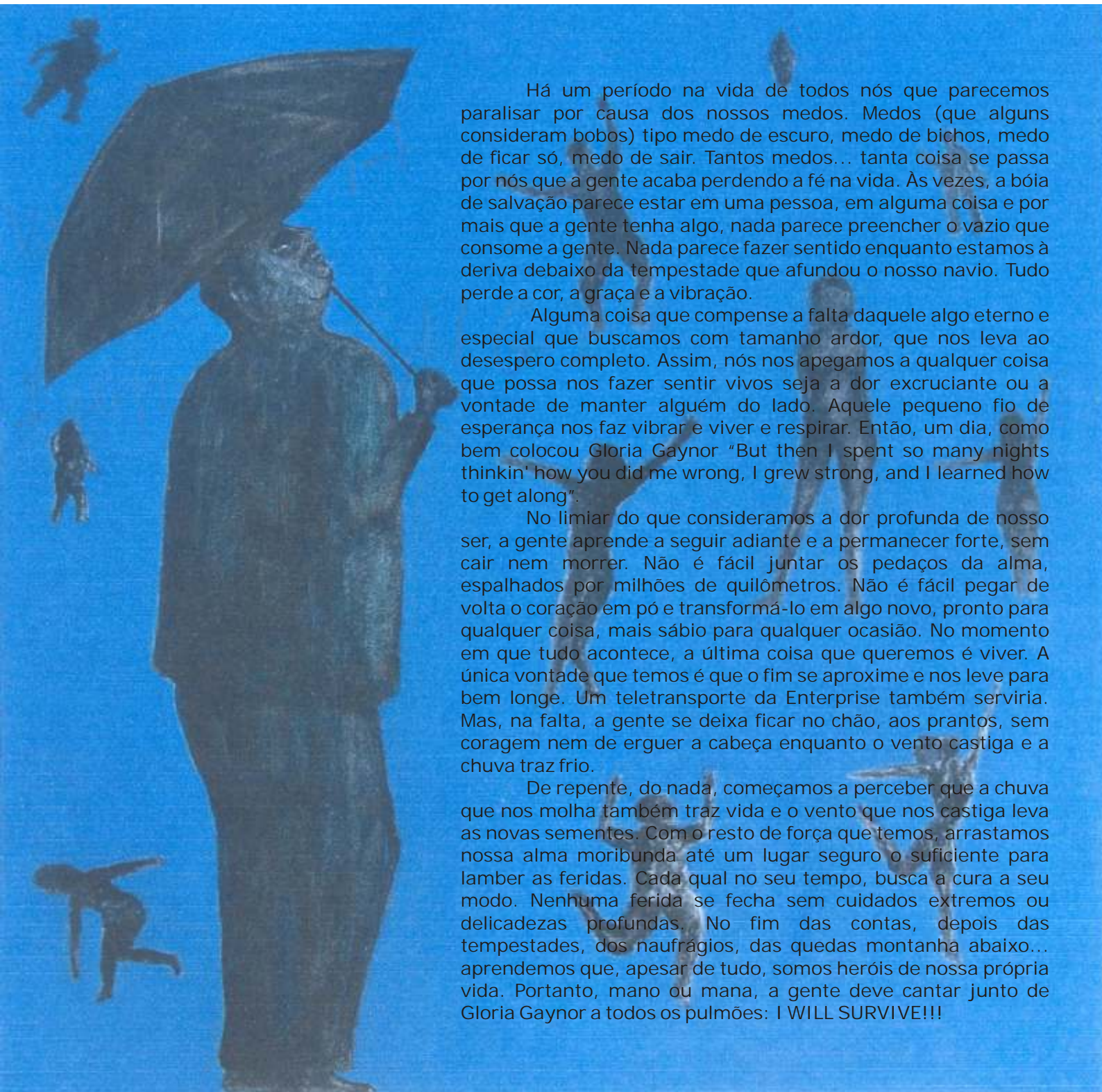
LOS NATAS

Pela primeira vez o Porão conta com 4 atrações internacionais. Ankla, Supersónicos, Paul Di'Anno e Los Natas (foto), tentaram animar, sem sucesso, o público presente nos 3 dias de festival. A técnica utilizada na foto foi um contra luz que valoriza os traços do baixista da banda



porãoweb.com.br

I WILL SURVIVE



Há um período na vida de todos nós que parecemos paralisar por causa dos nossos medos. Medos (que alguns consideram bobos) tipo medo de escuro, medo de bichos, medo de ficar só, medo de sair. Tantos medos... tanta coisa se passa por nós que a gente acaba perdendo a fé na vida. Às vezes, a bóia de salvação parece estar em uma pessoa, em alguma coisa e por mais que a gente tenha algo, nada parece preencher o vazio que consome a gente. Nada parece fazer sentido enquanto estamos à deriva debaixo da tempestade que afundou o nosso navio. Tudo perde a cor, a graça e a vibração.

Alguma coisa que compense a falta daquele algo eterno e especial que buscamos com tamanho ardor, que nos leva ao desespero completo. Assim, nós nos apegamos a qualquer coisa que possa nos fazer sentir vivos seja a dor excruciante ou a vontade de manter alguém do lado. Aquele pequeno fio de esperança nos faz vibrar e viver e respirar. Então, um dia, como bem colocou Gloria Gaynor "But then I spent so many nights thinkin' how you did me wrong, I grew strong, and I learned how to get along".

No limiar do que consideramos a dor profunda de nosso ser, a gente aprende a seguir adiante e a permanecer forte, sem cair nem morrer. Não é fácil juntar os pedaços da alma, espalhados por milhões de quilômetros. Não é fácil pegar de volta o coração em pó e transformá-lo em algo novo, pronto para qualquer coisa, mais sábio para qualquer ocasião. No momento em que tudo acontece, a última coisa que queremos é viver. A única vontade que temos é que o fim se aproxime e nos leve para bem longe. Um teletransporte da Enterprise também serviria. Mas, na falta, a gente se deixa ficar no chão, aos prantos, sem coragem nem de erguer a cabeça enquanto o vento castiga e a chuva traz frio.

De repente, do nada, começamos a perceber que a chuva que nos molha também traz vida e o vento que nos castiga leva as novas sementes. Com o resto de força que temos, arrastamos nossa alma moribunda até um lugar seguro o suficiente para lamber as feridas. Cada qual no seu tempo, busca a cura a seu modo. Nenhuma ferida se fecha sem cuidados extremos ou delicadezas profundas. No fim das contas, depois das tempestades, dos naufrágios, das quedas montanha abaixo... aprendemos que, apesar de tudo, somos heróis de nossa própria vida. Portanto, mano ou mana, a gente deve cantar junto de Gloria Gaynor a todos os pulmões: I WILL SURVIVE!!!

Por Georgiana Calimeris

Fala Galera,

Resolvi falar desse aparelho pequeno, mas necessário que é o telefone.
Não importa a hora do dia o seu trim...trim...faz com que você pule da cama,
saia correndo no meio daquele banho delicioso, erre mil vezes a fechadura da porta e
ainda pode dar nome ao seu futuro filho atrapalhando a hora "H".

Muito Rock'n'Roll!!!!

Um Big Beijo no Coração

Gizza Machado
Energia Positiva Sempre!!!
E-mail: gizza@gizza.com.br



O TELEFONE

trim...trim...trim...
trim...trim...trim...
ele não percebeu
que estou dormindo
ou que talvez não queira falar com ninguém.
ele abusa da minha boa vontade
da minha sanidade mental.
não pede permissão pra que eu o atenda
apenas me faz atendê-lo a qualquer momento
a qualquer hora do dia manhã, tarde, noite, na madrugada.
pode me trazer uma boa notícia, ou uma má notícia também.
não escolhe o momento pra tocar,
apenas me chama quando quer e a hora que quer.
às vezes muda minha vida em um piscar de olhos e em alguns momentos me inferniza com notícias que
eu sinceramente dispenso...
ele pode mudar a sua, a minha vida em alguns segundos...
isso me preocupa...
como um aparelho tão pequeno, mas tão esperto pode ser um elo do ser humano?
ser sua comunicação indispensável.
sei que preciso dele, mas às vezes preferia passar batido pelo telefone e nem perceber que a luz vermelha
no seu visor está piscando.
deve ser um recado...
um calafrio na espinha e lá vem a onda de perguntas.
quem será? poxa 2h00...
não vou atender, mas se for importante...
que cara chato esse tal de telefone
me deixa indecisa, preocupada e ao mesmo tempo apaixonada por ele.
me faz ficar perto de quem eu amo e ao mesmo tempo me dá a chance de chingar quem eu mais odeio.

TAMBÉM NA ALMA

Astronaves cruzando a Galáxia. Colônias em distantes mundos. A Magia retornara e aliava-se à Ciência. Não era a época perfeita, não ainda, pois, acreditava-se, aquele estágio seria sucedido por um futuro nada menos que olimpiano.

Suzana levava sua classe de História para o museu Júlio Verne. Lá encontrou Seu Flávio, faxineiro idoso, grande cicatriz de queimadura no rosto, silencioso, feições de uma tristeza aguda. Curiosa, um dia aproximou-se dele:

- Oi, pesquisei sobre você... Já foi um físico notável. Li sobre suas experiências: realizou a primeira viagem no tempo, para o futuro. Como é? Tão maravilhoso quanto sonhamos agora?

Seu Flávio afastou-se com uma lágrima caindo do olho esquerdo.

FIM

Dedicado a Matungo



PRESAS E LEMBRANÇAS

“Escondido nas trevas de lendas e medos ancestrais, inspirando mitos sangrentos e histórias sombrias, persisto. Eu sou eterno.

Não imaginarias quão milenar é minha fome! Essa tirânica senhora de minha alma. Por ela, desaprendi a piedade.

Oh, como tenho te observado, com interesse que nem sonharias, perseguindo-te por meses, vigiando os momentos cotidianos. Encantado e inapelavelmente preso a ti por admiração e devoção das mais sinceras.

Não amaldiçoe meus atos, nem blasfeme contra qualquer deus que adores, pois sem mim a velhice te alcançaria e tua beleza e vida definhariam em poeira, morte e esquecimento. Eu jamais permitiria isso.

Então, abre tua janela. Durma o sono mais tranquilo, tão inocente e indefesa como sempre fostes, e irei até ti.

Serei rápido, não mais que uma mordida. Teu sangue, precioso tesouro deste mundo, absorverei com tal prazer que exceda qualquer orgasmo humano.

Deixarei teu cadáver abandonado no chão do quarto, para que tua família possa forjar as mais disparatadas teorias. Jamais saberão a verdade.

Partirei, pois há tantas caçadas a serem feitas e outras presas a matar, mas saiba que, em minha memória, viverás para sempre, jovem e bela. A mais maravilhosa vítima que o destino me ofertou.

Acredita: minha espécie é conhecida pela honra e juramentos nunca traídos: amar-te-ei enquanto existir a eternidade.”

JEANE

As velas na seqüência e cores corretas. Os símbolos apropriados na parede. Magia, como lhe ensinou sua avó, exige precisão.

Os homens daquele lugar a amavam, pois ela os fazia felizes como suas mulheres jamais poderiam. Estas a odiavam. Chamavam-na de “galinha” e coisas piores. Desta vez, porém, excederam-se. Costelas partidas, cuspiendo sangue. Havia machucado-a demais. Não importava. Teria a justa vingança.

Concluiu o ritual com palavras terríveis. Caiu no chão do quarto. Usou sua vida para completar o encantamento. Morreu com um sorriso dolorido. Passava das dez da noite.

A uma da manhã, no vilarejo, todas as esposas despertaram gritando. A pele rasgava-se e a carne fugia-lhes dos ossos.

Todos os mini-contos
são de autoria de
Rita Maria Félix